

Nossas Memórias

ORGANIZADORA Ana Maria Higinio Martins



Nossas Memórias



Copyright © 2021 by Ana Maria Higino Martins, Desalinho

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Pablo Rodrigues

PREPARAÇÃO E ESTABELECIMENTO DO TEXTO

Rafael de Arruda Sobral

FOTOGRAFIA DE CAPA

Robson Sales

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nossas Memórias / Ana Maria Higino Martins (organizadora). – 1. ed. – São João de Meriti, RJ: Desalinho, 2021.

Vários autores

ISBN 978-65-88544-16-7

1. Coletâneas. 2. Escrita. 3. Literatura brasileira. 4. Memórias. I. Martins, Ana Maria.

CDD B869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias: Literatura brasileira B869.1

[2021] | DESALINHO

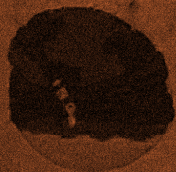
Rua Caricó. São João de Meriti, RJ.
Telefone: (21) 994428064
www.desalinhopublicacoes.com.br
www.blogdadesalinho.wordpress.com
desalinhopublicacoes@gmail.com



É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Nossas Memórias

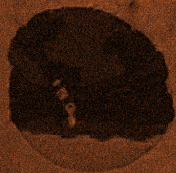
ORGANIZADORA Ana Maria Higino Martins



ECONOMIZE!
SE A ÁGUA VA
QUAL SERÁ
SUA
CULPA?
CABAR

TERRA
SEM NEST
ÁGUA

Sumário



ECONOMIZE!
SE A ÁGUA VA
QUAL SERÁ
SUA
CULPA?

TERRA
SEM EST
ÁGUA

Prefácio

Lita Bezerra 8

Apresentação

Pablo Rodrigues 12

Meu passado revisitado

Ana Maria Higino Martins 19

Uma lembrança feliz

Marianne Luzia Gonçalves de Souza 29

Minha experiência na escola nova

Leticia de Fatima Alves Cardoso 32

Minhas doces lembranças

Ana Beatriz Silva Ferreira 36

As viagens das minhas férias

Maria Geovana de Andrade Araújo

39

Lembrança e sentimentos

Carla Zielly de Araújo Brasil

42

Um chocolate com sabor de lembrança

Andresa Lays Dias Gonçalves

45

Uma lembrança: as noites na casa de vovô Dedinha

Luana Dias da Silva Oliveira

48

Em busca de um sonho

João Jeferson de Santana Costa

51

senhoras e senhores

Rafael de Arruda Sobral

53

Prefácio

Lita Bezerra



Caro leitor,

Honrada com o convite da professora Ana Maria Higino Martins para prefaciar a obra “Nossas Memórias”. São histórias belíssimas, emocionantes e elucidativas, que versam sobre adolescentes e jovens sonhadores e corajosos, os quais decidem concretizar seus sonhos enfrentando desafios, preconceitos, medos, bullying e incertezas, porém, banhados de amor, dedicação e autoconfiança.

Nas narrativas, somos convidados(as) a acompanhar, de perto, histórias de crianças, adolescentes e jovens guerreiros e guerreiras, que cercados de anjos amigos, lutam com todas as forças pela realização dos seus sonhos. A memória é algo pertencente a todos os indivíduos, preservar e vivenciar essas memórias por meio de textos é algo muito significativo na construção e formação de uma sociedade. A organização desta obra acontece por parte da professora Ana Maria Higino Martins, que escreveu e desenvolveu o primeiro texto em formato de literatura de cordel e é um relato belíssimo da sua trajetória de vida, contada em versos.

Ao longo da obra, teremos textos produzidos por pessoas que narram experiências que marcaram suas vidas. A filha que vê em sua mãe a grandiosi-

dade de orgulho para sua vida. Teremos a aluna que vivencia uma experiência ruim em sua escola nova, vítima de bullying e demais constrangimentos, e é no apoio de sua mãe que encontra forças para seguir. Nos é apresentada uma adolescente debutante, que tem o prazer de comemorar seus quinze anos com seus familiares, essa data que muito a orgulha. As férias sempre são um período de alegria, nesse sentido, teremos o relato de uma viagem de férias de uma filha com seu pai caminhoneiro. As lembranças, sensações e sentimentos são algo que marcam nossas vidas, a leitura de um texto que nos motive e mantenha vivo esses momentos é algo indescritível. O sabor e o cheiro daquilo que nos cerca torna-se algo marcante, assim como o sabor de um chocolate comido na infância, memórias encontradas em uma das narrações. Quando ouvimos a frase “casa dos avós, paraíso dos netos”, lugar onde todos os desejos e vontades são realizados, algo totalmente nostálgico. Poderemos sentir isso ao ler o texto de uma de nossas autoras, fazendo referência às noites na casa do vovô. Ao final do livro contemplamos uma bela poesia, o cotidiano da vida simples, nos tempos áureos de alguma cidade do interior, desse imenso país. Memórias e lembranças que deixam profundas mar-

cas no imaginário popular, levando a uma reflexão aqueles que buscam resgatar o melhor de cada momento vivido.

Recomendo a leitura desta obra a todos os corações sonhadores e espero que ela sirva de inspiração. Anseio que ao chegar no desfecho, o processo catártico persuada o leitor a nunca desistir da luta pela realização de seus sonhos e desperte o desejo de difundir essa experiência de geração a geração.

Apresentação

Pablo Rodrigues



Não lembro ao certo, o momento em que sugeri a Rafael Sobral, a proposta da edição de uma antologia com os textos dos seus alunos e alunas. O contexto geral foi o da Feira de Profissões da Escola Cidadã Integral José Rodrigues de Ataíde (Itatuba, Paraíba). No passar do tempo de gestação desse projeto editorial, o pequeno livreto tornou-se uma forma de celebração de nossa amizade iniciada em nossas aulas de inglês e a construção de um caminho entre São João de Meriti, a cidade formigueira das Américas.¹ E Itatuba, a terra das muitas pedras.²

Inicialmente, este projeto se deu em torno do livro *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego. Em 2021, o autor paraibano comemorou 120 anos de nascimento, o que levou o Estado da Paraíba à realização de inúmeras homenagens. Em evento realizado no Engenho Corredor, Pilar, local de nascimento do autor, foram destacados os eventos do Projeto Arte em Cena, Festa Literária, Concurso literário e

1. São João de Meriti tem o apelido de “Formigueiro das Américas” devido sua densidade populacional de 13.024,56 hab/km² (IBGE, 2010).

2. Itatuba significa “lugar de muitas pedras”. Não foi encontrado fonte bibliográfica além da Wikipedia. Na versão brasileira encontra-se as seguintes explicações: “De origem tupi, *itá*: pedra e *tyba*: abundância, grande quantidade, ajuntamento”.

do Programa de Inclusão Através da Música e das Artes. Somado aos projetos locais das escolas do Estado, entre elas, a Escola José Rodrigues de Ataíde.

Porém, o leitor de *Minhas Memórias* verificará que este livro se aproxima e se afasta desse grande nome da literatura brasileira. E em cada página, as escritoras e os escritores que o compõem reivindicam, assim como Carlinhos, de *Menino de Engenho*, o seu direito à memória, à literatura e à escrevivência.³ Neste caso, o de (in)(es)crever as memórias da infância, da família, do mundo do trabalho, afetos, amores, as mudanças de casa e escola, o que por fim permitiu que este livro trilhasse um caminho próprio.

Costumo perguntar aos meus alunos e alunas, quais dos seus familiares se aproximam das escritoras e dos escritores da literatura brasileira. Foi na realização dessa simples reflexão, que percebi que meu tio Mauro Batista, um excelente serralheiro, hoje já falecido, se assemelhava ao grande Lima Barreto, pois ambos, poderiam ter dividido, tranquilamente, uma mesa de bar, além, é claro, de um copo de dor e so-

3. Cunhado por Conceição Evaristo (1946), o termo tornou-se indispensável para compreendermos a produção literária contemporânea. A partir da compreensão do termo “Escrevivência” (“Escrita” + “Vivência”) entende-se que a literatura só pode ser entendida por meio do imbricamento da experiência, vida e escrita.

frimento que o alcoolismo lhes reservou. Do mesmo modo, posso afirmar que algumas das minhas tias estão mais próximas à Carolina Maria de Jesus, do que da “grande dama da literatura brasileira”,⁴ Clarice Lispector.

Essas afirmações podem soar um pouco deslocadas em um texto de apresentação como este. Porém, o que quero afirmar, é que este projeto só foi possível quando escutamos com atenção a voz de cada um dos seus autores e autoras a romper com uma máscara de silenciamento.⁵

O que contam os itatubenses deste livro? Curiosamente, o *Microsoft Word*, software de edição de textos em que escrevo esta apresentação, diz que estou equivocado ao escrever “itatubenses”. O programa indica “Verificar novamente se isto está cor-

4. Em biografia de Clarice Lispector (1920-1977), o estadunidense Benjamin Moser (1976) realizou uma distinção entre Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Clarice. O biógrafo afirma “Nas fotografias, ela parece tudo, menos estrangeira. À vontade em casa na praia de Copacabana, ostentava a dramática maquiagem e as vistosas joias da *grande dame* do Rio de sua época. Não há nenhum traço da miséria do gueto na mulher que desce as encostas da Suíça ou singra as águas do Grande Canal numa gôndola. Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960”. Moser foi acusado de racismo e criticado por inúmeros escritores e intelectuais brasileiros. Defendeu-se dizendo não considerar o trecho preconceituoso e tratou a questão como “encerrada”.

5. Ver KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

reto”. Sugere “Itajubense”. E, por fim, me diz não possuir “informações de referência”.

De certo modo, Itatuba se assemelha a minha localidade, Jardim Metr pole (ou, às vezes, Vila Saudade, não sabemos ao certo o nome de nosso bairro e o motivo dessa varia o) em São João de Meriti. Uma vez fui procurar no *Google Street View* a rua em que moro e descobri que não estamos no mapa. Até hoje! Um corte abrupto operado entre o mundo do asfalto e o mundo da rua de barro ( quela época nossa rua não recebera pavimenta o) está fora do alcance dos registros e dos dados da gigante de buscas da internet). Somos, de certo modo, as “Bacurais”⁶ desse sonho de país que nunca se realiza.

Você encontrar  aqui um livro carregado de emo o. A reivindica o de que a literatura tem e deve ter compromisso com a realidade em que nasce. Desde o prefácio de Lita Bezerra, que compartilha conosco o ritmo, a pausa e o tom das páginas seguintes. O texto de abertura de Ana Maria Higinho Martins, a quem carinhosamente chamamos de Dona Ana ou Professora Ana, incentivadora e orga-

6. No filme, dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, os habitantes da cidade de Bacural descobrem não estarem no mapa, tornando-se alvo de um grupo de estrangeiros. A resistência local frente aos ataques acontece por meio da união dos moradores da cidade: “Bacural. Se for, v  na paz”.

nizadora deste livro. Seguido dos textos de Marianne Luzia Gonçalves de Souza, Leticia de Fatima Alves Cardoso, Ana Beatriz Silva Ferreira, Maria Geovana de Andrade Araújo, Carla Zielly de Araújo Brasil, Andresa Lays Dias Gonçalves, Luana Dias da Silva Oliveira, João Jeferson de Santana Costa, Rafael de Arruda Sobral. Na imagem de capa temos a fotografia de Robson Sales. E o texto de quarta capa de Edmar Gonçalves da Silva.

Circunda o livro, a imagem de um muro, bandeiras e uma mensagem de preservação da água ilustram a capa e a contracapa. Nada mais significativo em tempos de escassez como os nossos. Somado ao horizonte, temos as casas de Itatuba. Para a Desalinho Publicações, uma jovem editora independente em São João de Meriti, este projeto ocupa um lugar todo especial no coração deste editor. Agradeço a cada autor, autora, organizadora, bem como a todo corpo discente, docente e social, da Escola Cidadã Integral José Rodrigues de Ataíde, na pessoa do seu diretor Carlos Alberto Brasil Guerra.

Boa leitura!

São João de Meriti,
06 de dezembro de 2021.
Desalinho Publicações

De matuto é tachado
Passa por humilhação
Cultura desrespeitada
De sangrar o coração
C'um coração de criança
Nunca perde a esperança
De Cuidar sempre do chão.

Responde a humilhação
Com zelo e amor pela terra
É dela que a vida nasce
Nela q'a vida se enterra
Cuida dela igual criança
Renova a esperança
Descendo e subindo serra.”

Lita Berreza, “O heroi agricultor” (2016)

Meu passado revisitado

Ana Maria Higinio Martins



Considerações iniciais

Estar diante de mim mesma, em busca de minhas lembranças, representou um desafio, tendo em vista que o presente é formado por representações do passado, criadas e vivenciadas na história da vida e estas interferem no que temos vivido e presenciado como pessoa nos mais diversos grupos sociais aos quais somos pertencentes. “O passado não é o antecedente do presente, é a sua fonte” (BOSI, 1994).

Esse texto que faz parte dessa coletânea não nos conduz a nenhuma resposta definitiva, nos abre, porém, um espaço para um encontro com você, um encontro com sua memória. A memória é importante na construção de sua identidade, pois ela na medida do possível estabelece um vínculo entre as gerações e conduz a um elo afetivo, sobretudo para que não percamos o reconhecimento de si mesmos e sua ação enquanto sujeitos da História.

Eis o nosso desafio! Buscar minhas memórias significa, em um primeiro plano, devolver a mim mesma e a minha família uma história ameaçada pelo “líquido desbote cotidiano da modernidade” (FERREIRA, 2020). A longo prazo, significa devol-

ver e/ou oferecer para o outro o melhor que se pode encontrar em mim mesma, a minha identidade.

Eu e minhas memórias

Quero agradecer a Deus
Pela minha trajetória
Menina chamada Ana
Guardo tudo na memória
Ainda quando criança
Da madrinha a confiança
Estudar era vanglória

Madrinha sempre falava
Que eu tinha facilidade
Aprendi o bê-á-bá
Com uma pequena idade
Madrinha era a professora
Eu a via como doutora
Podia ser vaidade

Muito orgulhosa ficava
E se punha a admirar
Dizendo essa menina
Logo cedo vai brilhar
E essa menina cresceu

Seus projetos apareceu
Foi seu caminho trilhar

Na escola José Silvério
Começou a estudar
E com sua maestria
Sempre querendo brilhar
Com seu tio competia
Pois ela sempre queria
A maior nota tirar

E assim um ano ou outro
Com o primeiro lugar
Fazia muita amizade
E gostava de falar
Para o científico fazer
No Cenecista tinha que ser
Porém teria que pagar

Grande era a dificuldade
Para pobre estudar
Por eu ser de família pobre
O pai não podia pagar
Para a mãe era um tormento
Para mim grande sentimento
E vinha as lágrimas rolar
Era uma luta constante

Buscando o primeiro lugar
Concluindo o ginásial
Tive logo que migrar
Por não ter outra opção
Partindo meu coração
Com família fui morar
Foi grande a migração
Morando aqui acolá
Recife, Campina Grande
Era um pra lá e pra cá
Enfrentei dor e saudade
Estudar era à vontade
Mesmo distante do lar

Com a mãezinha querida
Sempre podia contar
Ela fez tudo que pode
Pra meu sonho realizar
Na verdade, o que eu queria
Era ter a alegria
Da minha vida melhorar
Fui morar em Santa Rita
Para o terceiro ano cursar
A distância me fez bem
Pra Família valorizar
Cheguei à universidade
Ainda com pouca idade

Licenciatura fui cursar
Em História do Brasil
Pude me especializar
Ensino na escola pública
Gosto de enfatizar
Para quem quer aprender
Mais importante é querer
Seja em qualquer lugar

No ano de oitenta e quatro
Vi minha vida melhorar
Pois na escola José Silvério
Comecei a ensinar
Comecei a me firmar
Amar a profissão
E com afinho me dedicar
Porém tenho boas lembranças
De alunos exemplares
Que se tornaram excelentes
Na arte de ensinar
Vários mestres e doutores
Meu orgulho, meus amores
Me permitam relatar
Meu sobrinho Paulo Sérgio
Acabou de se formar
É o primeiro doutor
Orgulho veio nos dar

Doutor em ecologia
Para nossa alegria
O primeiro lugar
Filho de pais sem instrução
Com desejo de brilhar
Amo demais meus alunos
E fico a observar
Eles trilham seus caminhos
Com Deus nunca estão sozinhos
Para seus sonhos realizar
De professora a diretora
Em dez dias perdi o lugar
Jornaizinhos com piadas
Logo veio a circular
Me chamando de Ana dez
Isso sempre vou lembrar
Da vida virei autora
Esse fato veio a me marcar
Acho que isso veio da mente
De um coleguinha da gente
Que entre nós não mais está
Mas estando sempre a superar
Deixo a vida me levar
Um outro fato sinistro
Eu quero aqui relatar
Um aluno na prova final
Querendo a pulso passar

Falou que se não passasse
Eu logo me conformasse
Meu cabelo iria queimar

E eu de imediato
Cuidei logo de aprontar
Drogado e embriagado
Ele pôs-se a filar
E eu me fazendo de tonta
Até sua prova ficar pronta
Eu sem nada a reclamar

Cordelista não sou
Porém gostei de brincar
Com esse jogo de palavras
Tentei minha história mostrar
Para atender Pablo professor
Com carinho e amor
Sem me aperriar

Com Gratidão ao meu Deus
Me preparo para aposentar
A preocupação constante
É ver a velhice chegar
Quando eu me ver inativa
Preciso de uma fé ativa
Pra não sofrer nem chorar.

Considerações finais

Reconhecendo a memória como princípio fundante para a construção de uma sociedade mais democrática, defendemos a não destruição do passado.

Aproveitamos para fazer um alerta acerca da ameaça da destruição do passado e a perda de referenciais para a geração mais jovem:

“Esquecer o passado é negar toda afetiva experiência; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante” (ARAUJO, 2020).

Portanto é preciso nos levantarmos e que unamos nossas vozes para lembrar o que os outros esquecem e esse ofício cabe ao historiador, porém cada um de nós deve vivenciar sua história e reproduzi-la a fim de que as novas gerações tenham a percepção de que educação para a memória afirma nossa identidade.

Referências

ARAUJO, Paula Emanuele Novaes de. *Limites da capacidade deliberativa no Conselho Municipal de Assistência Social de Salvador*. 2020. 165 f. Dissertação.

tação – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31277>. Acesso em: 26 out. 2021.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo, Brazil: Companhia das Letras, 1994.

NO FILME DA MEMÓRIA... RESGATANDO A HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE. Direção: Alexandre Ferreira. Itatuba: Cópias & Papéis, 2020.

Uma lembrança feliz

Marianne Luzia Gonçalves de Souza



Apenas o fato de viver e respirar é motivo de alegria e agradecimento, lembranças e memórias felizes, como leitora mordaz e escritora leiga que só critico, mas que nunca fui criticada pela escrita, como ser se não exponho meus textos, alguns dizem que é arte, eu digo que é vida, não que meus textos sejam. Clarice Lispector, Augusto Cury, Monteiro Lobato, Agatha Christie, John Green, Jennifer Niven são os verdadeiros artistas literários.

As alegrias são muitas, mas o meu lugar incrível é a minha família, principalmente minha mãe, meu lugar incrível são essas pessoas que estão perto de mim no momento em que eu escrevo este texto.

A lembrança da minha mãe empurrando a minha bicicleta rosa da Barbie, ou quando eu vinha pra Itatuba visitar minha família, ver meu avô (que eu falava e falo até hoje com orgulho que meu nome é uma homenagem a Seu Mariano), quando ler deixou de ser uma obrigação e passou a ser um prazer, ir pra igreja me dá paz e esperança de que tudo melhore logo, a música que me faz viajar, assim como os livros.

Pense em mulher linda por fora e por dentro, que traz em si um peso que ninguém consegue enxergar, que faz tudo pela família, que o caráter or-

gulta a pessoa que pode falar que é filho, ela tem 3 filhos, tem suas fases, leva sua vida na paz guiada pela mãe de Deus, que você percebe a força e fé que carrega, ela é um anjo que leva alegria e paz, ela sorri quando todo mundo iria chorar e como ela mesma diz não somos todo mundo; mas todo mundo daria tudo pra ser ela ou ficar com ela.

Meu lugar feliz, minha lembrança mais pura, minha memória mais agradável, ela é meu lugar incrível, minha vendedora de sonhos, que me ensina a seguir os meus sonhos e que me fala que a fé e os princípios são essenciais, que a paciência não é só uma virtude, mas um ato de resistência que me mostra a cada dia que a fé não move apenas muralhas, mas pode reconstruir o mundo.

Eu lhes apresento a mulher da minha vida, a Senhora Maciliana Maria Gonçalves.

E é com imenso orgulho e prazer que vos digo que a minha lembrança, e meu lugar incrivelmente feliz, é a minha mãe...

Minha experiência na escola nova

Leticia de Fatima Alves Cardoso



Lembranças; memórias ruins e boas, tudo isso e um pouco mais está bem guardadinho em nossas cabeças, até as mais simples coisas estão por lá e hoje vou lhes contar uma experiência que tive, experiência essa não tão agradável quanto eu gostaria. Isso aconteceu há seis anos atrás, quando eu ainda era uma criança.

Comecei a frequentar a escola nova, eu mal tinha dormido na noite anterior, estava muito ansiosa. Encontrei a sala onde eu estudaria, me acomodei em uma das carteiras e esperei que a primeira aula começasse...

Os dias foram se passando e eu continuava a sentar do mesmo lado da sala, juntamente com o meu grupo de amigas, enquanto do lado esquerdo ficavam as veteranas. Eu não sei qual era o meu problema, mas toda oportunidade que eu tinha eu dava uma olhada para onde elas estavam, até que um dia uma delas veio até mim e perguntou o motivo de eu tanto olhar para lá e eu mal respondi, não conseguia, fiquei muito assustada, ela me mandou parar de ficar olhando, porque segundo ela eu não tinha perdido nada daquele lado, em seguida me deu as costas e voltou para o seu lugar, enquanto eu fiquei conge-

lada, com as mãos suando e o coração quase saindo pela boca.

Passei a sofrer bullying diariamente, os meus dias naquela escola se tornaram um inferno, xingamentos e mais xingamentos eram lançados contra mim, me tornei uma menina amedrontada, peguei-me diversas vezes pensando em desistir de estudar, isso apenas com onze anos de idade. Eu ficava rezando para que desse o horário de voltar pra casa, pois era insuportável cada minuto ali, chegava triste em casa todo santo dia, desanimada, muitas vezes mal comia. Minha mãe percebeu que tinha algo errado e perguntou-me o que estava acontecendo e eu contei tudo, logo ela me deu o seguinte conselho: “continue sem respondê-la, o silêncio é o melhor remédio, uma hora ela vai cansar”, e assim eu fiz, dei total desprezo ao que ela falava, mesmo quando dava vontade de retrucar. No meio do ano ela cessou com o bullying e eu pude respirar um pouco mais aliviada, porém nunca mais consegui livrar-me desse medo, medo não só dela, mas de qualquer pessoa que me olhasse torto.

Jamais esqueci do conselho dado por minha mãe, talvez seja por isso que eu tenha escolhido essa memória, porque mesmo sem poder ir até a escola

por motivos de saúde, ela segurou a minha mão e encorajou-me a continuar, então, caros leitores, hoje eu lhes digo que se anjos da guarda existem a minha mãe é o meu.

Minhas doces lembranças

Ana Beatriz Silva Ferreira



Nossa vida é repleta de momentos e cada ano de vida tem que ficar marcado na nossa história, pois são momentos que não voltam, mas, sim, vem para nossa evolução e crescimento como pessoa.

Os 15 anos são algo que um adolescente identifica como um momento único, pois é uma mistura de ansiedade e novas experiências.

Eu estava muito ansiosa para os meus 15 anos, era algo marcante na vida de todo adolescente, sempre escutava que os 15 anos era uma das melhores fases da vida.

O ano de 2020 começou cheio de ansiedade e energias positivas, pois em maio eu iria finalmente completar meus 15 anos, eu passava dias imaginando como iria ser essa nova fase da minha vida.

Tempos depois, ou melhor, no dia 05 de maio, havia chegado o tão esperado dia, minha família resolveu marcar aquela data com uma comemoração em casa, pois já estávamos no tempo de pandemia e não poderíamos fazer aglomerações, porém isso não me deixou triste, pois eu finalmente havia completado meus 15 anos. Foi um momento marcante e de muita reflexão, pois houve uma mistura de memórias dos momentos que já vivi.

Minha mãe havia feito um bolo para mim, tiramos várias fotos e tenho uma lembrança do que falei quando meus pais estavam com vergonha de tirar fotos.

– Vamos tirar fotos e comemorar, pois, essa idade só se vive uma vez.

E assim eles concordaram, e todos começaram a rir, pois realmente é um único momento que não tem mais volta. Assim, cantamos parabéns, repartimos o bolo e eu fiquei com o sorriso canto a canto do rosto e muito emocionada.

Realmente, foi um dia emocionante, ficou marcado na minha vida como uma memória muito esperada e desejada, hoje vejo que os 15 anos realmente significam muito, porém que já estão no passado, entretanto foi uma fase de muita reflexão, estou com meus dezesseis anos e nem percebi o tempo passar.

E por isso digo, aproveite cada momento, cada minuto como se não houvesse amanhã. Pois o hoje só se vive uma vez e devemos nos descobrir e evoluir cada vez mais. 15 anos é uma idade da adolescência de muitas descobertas, alegrias, conflitos, porém devemos viver intensamente.

As viagens das minhas férias

Maria Geovana de Andrade Araújo.



Meu pai é caminhoneiro, então toda vez que eu e meus irmãos ficávamos de férias íamos viajar. Sempre foi uma aventura, pois passamos por lugares diferentes do Maranhão ao Piauí, da Bahia ao Pernambuco, minha mãe me contou que em uma das primeiras viagens que fui aconteceu um incidente, eu tinha apenas um ano de vida quando caí na cabine do caminhão, felizmente não aconteceu nada.

Mas vida que segue, as viagens sempre foram muito legais e divertidas, e eu achava aquilo um máximo, afinal nem toda criança tem um pai caminhoneiro para viajar em todas as férias (hahaha). Lembro-me de um fato engraçado que aconteceu nessa viagem, minha madrinha também foi com meu padrinho em seu caminhão, fomos carregar em uma fazenda enorme e o pessoal costumava dizer que lá existiam onças, como já era noite, eu, minha mãe, meu irmão e minha madrinha fomos tomar banho, o banheiro ficava um pouco longe de onde o caminhão estava, depois que tomamos banho vimos um bicho de porte grande passando, então saímos correndo, achando que era a tão famosa onça, quando finalmente a gente consegue subir no caminhão muito rápido, minha revelação, não era uma onça e

sim o enorme cachorro da fazenda (ufa! O susto foi grande haha).

Mas, com o passar do tempo, eu fui crescendo e percebendo que já não achava mais tão legal como antes, afinal se tornou algo repetitivo. Então, com 11 anos, parei de viajar e só restaram boas lembranças para serem compartilhadas.

Lembrança e sentimentos

Carla Zielly de Araújo Brasil



A minha memória é majoritariamente composta de emoções e sensações, lembro de pouco, devido à minha pouca idade e também à minha memória falha, há lacunas, mas isso não impede de lembrar das boas sensações.

A fazenda ficava na Jati, um sítio de Itatuba, cidade onde sempre morei, lembro-me bem do exterior da casa, com uma grande varanda feita com tijolos com desenhos vazados, chamados cobogós de cimento, sempre com redes (motivo de corridas e discussões), havia também uma rampa por onde subir para entrar na casa (onde eu amava correr); já o interior da casa, me lembro vagamente, sei que dentro havia um tipo de cisterna exposta, um tanque descoberto onde eram criados peixes, que alimentávamos com farinha ou fubá, junto dos meus dois irmãos e meus primos. Relembro os dias passados lá, das músicas sempre tocando, principalmente forró e cantadores, às vezes meus tios e minha mãe dançavam na varanda, ainda quando escuto certas músicas, me vêm memórias vividas na terra.

Recordo de explorar os arredores da casa em companhia dos meus dois irmãos mais velhos, houve uma vez em que fizemos um vídeo (que ainda existe), no qual mostramos toda a fazenda, eu e meus

irmãos com uma câmera que painho tinha, gravamos tudo que achamos interessante, dos quartos até as plantas ao redor, decorrente, com certeza, da falta de internet e celulares, que naquele tempo não me fez falta.

Havia também um tipo de brincadeira nossa, havia chuveiro fora da casa, onde meu tio “batizava” todos, ele colocava-nos debaixo do chuveiro, punha a mão na nossa cabeça, brincando, e nos “batizava”, inclusive, isso não era apenas com as crianças, se da próxima vez houvesse alguém novo no grupo, tinha de também ser batizado, seja um irmão, irmã ou sobrinho.

Hoje, a fazenda já não está mais em nossa família, mas certamente essas recordações e sentimentos estarão comigo sempre. Nossa memória está altamente entrelaçada com sensações e sentimentos.

Não lembro de tudo, mas o que lembro basta para saber que não importa onde, mas sim com quem.

Guardarei, então, intimamente as lembranças vividas com minha família, essas pessoas que amo com tudo que sou.

Um chocolate com sabor de lembrança

Andresa Lays Dias Gonçalves



Quem poderia imaginar que uma ida ao supermercado iria me proporcionar um momento nostálgico, pois é. Mas, para entender o motivo da nostalgia, vamos viajar por uma das minhas lembranças da infância.

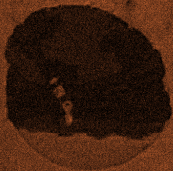
Quando eu era mais menina, porque ainda me considero uma menina, meus pais não possuíam muito dinheiro e, por esse motivo, comer doces não era algo muito frequente. Meu avô era quem sempre levava doces para mim e meus irmãos. E tinha um chocolate de laranja que tinha um cheiro, uma embalagem e um sabor que por uma razão que não sei explicar ficou guardado em minha memória. Talvez o motivo seja o de que quando somos crianças as nossas experiências são mais intensas e o tempo parece passar mais lentamente, pois tudo é novo. Lembro-me da alegria que era quando meu vô Chico chegava com uma sacola cheia de doces, eu e meus irmãos o atacávamos atrás das guloseimas. Ah, como ser criança era bom e como ser feliz era tão mais fácil. Na infância, as coisas são mais leves e nos divertimos com tão pouco.

Depois disso fica fácil em entender a razão de que naquele dia no supermercado, ao ver aquele chocolate de laranja que tem um cheiro bem espe-

cífico, assim como um formato e papel chamativo, me transportei automaticamente para esse cenário da minha infância. Antes, o doce tinha apenas gosto de doce, mas hoje tem gosto de saudade combinado com alegria e uma cobertura de tristeza, que sabor complexo sinto hoje. Por que será que isso acontece? Não sei responder, mas sei que esse fato me fez valorizar o que tenho hoje.

Uma lembrança: as noites na casa de vovô Dedinha

Luana Dias da Silva Oliveira



ECONOMIZE!
SE A ÁGUA VA
QUAL SERÁ O
SUA
CULPA?

TERRA
SEM NEST
ÁGUA

“É que a gente quer crescer, e quando cresce quer voltar para o início”... Começo minha lembrança com esse trecho de “Era uma Vez”, música de Kell Smith, a minha lembrança e, talvez, o momento mais feliz de minha vida foram os dias na casa de vovô Dedinha (ah como era bom!). Durante o dia, era ajudar vovó nas atividades de casa, serviços domésticos. Durante a noite, era a hora da história, a minha preferida era a de “Evangelista”, vovô sentava em um banco e nós, os netos, sentávamos ao redor, para ouvir os contos que vovô havia decorado (já que ele é analfabeto). Tendo a lua e as estrelas como única iluminação, já que na casa de vovó não tinha energia elétrica. Meu Deus, como era bom! Ai que saudades, posso voltar no tempo?!

Vovô ainda é vivo, mas eu e meus primos crescemos, e com esse crescimento vieram as responsabilidades da vida (e, cá entre nós, foram muitas), porém a lembrança ficou, quando lembro desse momento é um misto de saudades e de alegria, por poder ter vivido momentos que para mim foram o maior tesouro de minha vida.

Hoje, chego na casa do vovô, peço para reviver esse momento, ele diz logo: Não, minha flor do dia

(ele me chama assim) agora você sabe ler. Descobri depois de um tempo que o causo que vovô contava e eu tanto gostava, não se chamava “Evangelista”, e sim “O pavão misterioso”, que é um cordel de João Melquíades Ferreira da Silva, vovô contava um breve resumo, eu comprei o cordel e li, porém, não tive a mesma sensação de quando vovô contava para mim, sinto falta desse momento, sinto falta da minha infância. Cresci, mas ficou em mim lembranças que jamais esquecerei. O cordel que para mim não se chama “O pavão misterioso” e sim “Evangelista”; e é de vovô, o cheiro de terra molhada pela chuva combinando com o cheiro de café que só vovó sabe fazer. Finalizo minha memória com lágrimas nos olhos, um misto de saudades (o tempo não volta) e de gratidão. Obrigada Deus, por me permitir construir uma lembrança assim.

Em busca de um sonho

João Jeferson de Santana Costa



Nesta vida tudo passa, tudo é passageiro, mas mesmo assim, devemos vivê-la com intensidade, sabendo valorizar o que ela nos traz à tona. Vivi alguns momentos por que tenho apenas 17 anos. Mas reparando em minha trajetória, nada melhor do que saber, correr atrás de aprender, correr atrás de sonhos. Eu moro em uma comunidade que fica longe da nossa cidade, assim como em outros lugares, as crianças sempre tendem a ter dificuldades de aprendizagem, mas eu não desisti. Minhas maiores vitórias foram aprender a ler, já que fui pouco incentivado pela minha mãe, fui me dedicando cada vez mais, aprendi a ler com muito trabalho e dedicação. Sempre fui atraído, submisso à literatura, aos livros físicos. Acredito que o homem não é nada sem literatura.

Os livros, o enredo, os personagens, o narrador, o cheiro das folhas, a vírgula, a leitura de um livro é expressa incondicionalmente, inexplicavelmente, a cada nova página, a cada nova história, a cada livro uma nova história, seja real ou não, romance ou ficção, ação ou drama, você aproveita o momento... Com cada um de nós aprendendo, um chamado, um novo relacionamento, uma nova superação, uma reflexão que devemos trazer para a vida...

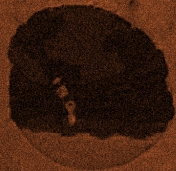
senhoras e senhores

Rafael de Arruda Sobral



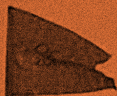
senhoras e senhores
sentam-se nas calçadas
em tamboretas
e cadeiras de balanço
pra conversar
sobre a quaresma
o fim do carnaval
as cinzas
acendem seus cigarros
de fumo de rolo
em papel ofício
fumaçam e baforam
as fofocas
as contas pra pagar
a feira de frutas
à chegar
no sábado
lembram-se do cuscuz
e do café
no fogo de lenha
e de Nossa Senhora
a rezar
pelos seus e pelas suas
ao acenderem suas velas
debulham os terços
debulham as rezas
debulham as preces

escolhem o feijão
do outro dia
contam histórias
cantam boas-novas
inventam o passado
reclamam-se
da quentura do tempo
do barulho da rua
dos gritos e gargalhadas
das crianças
mas pedem aos céus
que sejam abençoadas
cresçam e amadureçam
em sabedoria
para evitar o sereno
das noites de lua clara.



ECONOMIZE!
SE A ÁGUA VA
QUAL SERÁ
SUA
CULPA?
CABAR

TERRA
SEM NEST
ÁGUA



Quando escrevemos sobre o nosso passado, automaticamente iniciamos uma viagem de regresso e de reencontro para com o nosso íntimo das lembranças. É uma experiência divergente da ideia de urdir uma narrativa que não nos é próxima, pois o tateamento com o objeto de estudo toma determinada distância e os resultados selecionados e ortografados assumem, de imediato, contornos mais compromissados com as teorias de fazer escriturário científico. Foi assim que elaboramos cada texto ou crônica presente nas páginas do nosso livro *Nossas Memórias*.

As lembranças são o compósito da memória individual. Portanto, assumindo tal posição de valiosa importância, nos impõe o trabalho vigoroso de exibí-las de maneira responsável e entendível aos olhos de quem as vê pela primeira vez. Muitas vezes elas jogam um jogo arriscado conosco, seja nas suas vitórias ante os esquecimentos e silencia-mentos nossos, seja nas derrotas de não conseguirem ser autônomas ante nossas paixões e desejos na e para a realidade que vivemos. No mais, rememoramos a nossa vida para que ela nunca morra.

Edimar Gonçalves da Silva

Professor de História do Estado da Paraíba

 Desalinho

 **ESCOLA**
CIDADÃ INTEGRAL

ECI JOSÉ RODRIGUES DE ATAÍDE

ISBN 978-65-88544-16-7



Este livro foi produzido no ano de 2021 na cidade de São João de Meriti (Rio de Janeiro) & Itatuba (Paraíba). Foram utilizadas as famílias tipográficas Adobe Garamond e Alternate Gothic.
